

**MOISÉS, Mastaud — A Literatura Portuguesa.** São Paulo,  
Editôra 3.<sup>a</sup> edição, 1964, 410 pp.

Sai a público a terceira edição desta obra, dedicada aos estudiosos da Literatura Portuguesa e aos interessados em iniciar-se nela.

O A. dividiu-a em dez capítulos, e que são os seguintes: Introdução, Trovadorismo, Humanismo Classicismo, Barrôco, Arcadismo, Romantismo, Realismo Simbolismo e Modernismo.

Na Introdução, além de estabelecer o condicionalismo geográfico de Portugal, apertado entre o mar e a terra, o A. assinala as tônicas importantes da atividade literária portuguesa, importantes como pré-requisitos para a compreensão do espírito dos artistas e das obras: o sentido predominantemente lírico das criações, desde suas origens, na Idade Média, até a Atualidade; a quase inexistência do teatro como gênero desenvolvido; a presença de certos artistas, em geral poetas, que, superando a limitação da visão lírica da realidade e os empecilhos naturais impostos por especial condição geográfica, atingiram inegável universalidade. Aponta então quatro figuras: Camões, Bocage, Antero e Fernando Pessoa.

Passando ao estudo dos movimentos literários em si, embora notando a limitação didática que, segundo o crítico, se opõe muitas vezes, à verdade, assume um processo didático que em nada desfigura a realidade. Estuda as preliminares dos movimentos literários, cercando-os de visão histórica e cultural, levantando as influências exercidas por outras culturas. Somente depois disto é que o A. passa a observar detalhadamente as características dos movimentos, dentro de um processo dinâmico, crítico-interpretativo e valorativo. Acompanhando e desenvolvendo tal processo lógico, para as figuras mais importantes de poetas e prosadores, o A. reserva textos antológicos, que, naturalmente, nos fornecem visão parcial dos problemas, mas permitem apontar alguns aspectos mais expressivos.

Por outro lado, na análise do processo literário, observa-se a tendência de caminhar para a valorização das fôrmas literárias, a poesia, o

romance, a novela, o conto, mostrando-se que o teórico da literatura caminha ao lado do crítico literário, e anda aqui, ocorre, pelo exposto, a preocupação didática.

Aliás, a oposição entre a didática e a verdade é colocada por um sentido de autodefesa, em favor da interpretação literária, e contra o esquematismo e não constitui prevenção com relação à didática, já que em certo aspecto esta é aceita. Basta que nos reportemos ao que afirma M.M. a certa altura do prefácio:

“Decorre daí o caráter didático — enquanto espírito, não enquanto programa — que o livro se esforça por adquirir. Mas há que entender tal espírito didático como busca da clareza, da ordem do pensamento, sem violentar demasiadamente a verdade (esta e a didática são inimigas por natureza). Também não se deve entendê-lo como impessoalidade ou mesmo despersonalidade. Ao contrário: desejei dar minha interpretação dos fatos e das obras, sempre que possível e necessário. Por isso, havia que adotar — e adoto — um critério de julgamento fundamentalmente estético, segundo o qual se entende por Literatura a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, da imaginação.” (pp. 11-12).

Estas afirmações que julgamos importantes, não só pelo fato de serem incisivas, como especialmente pela definição de um método de estudo do fenômeno literário, portanto de assentamento de uma opção no focar os elementos, devem estar de acôrdo com o que vai realizar o A.

Assim é que, dentro dos movimentos literários, M.M. apontará os autores, as obras que expressam mais fielmente as doutrinas estéticas, criando assim uma interpretação dinâmica e crítica, limitando ao essencial, os dados históricos e biográficos, aproveitando-os na medida que sirvam para explicar alguns problemas da Literatura.

É óbvio que o A. enfatize a problemática das origens, das características, que cada período fornece a outro, neste processo osmótico, que mostra a evidente continuidade das correntes literárias. Ainda para afirmar os dados críticos, M.M. manteve bem escolhidos textos antológicos, muito embora, dentro do Neo-Realismo e da Atualidade, autores da expressão de Vergílio Ferreira, José Rodrigues Miguéis, José Régio, Fernando Namora e Agustina Bessa Luís, tenham ficado esquecidos neste particular, lembrados que foram, em poucas palavras, quanto a aspectos de sua obra. Aqui houve a necessária e cautelosa reserva por parte do A., ditada pela exígua perspectiva histórica.

Acreditamos que, conquanto não sacrificasse os dados históricos e talvez por isso mesmo, o crítico e o teórico da literatura logrou obra sobremaneira equilibrada, na análise dos movimentos e autores.

Não obstante a afirmação da interpretação pessoal da Literatura Portuguesa, ao aprofundar as idéias, no respeitante às fôrmas literárias, romance, novela, conto, poesia, M.M. atingiu uma visão impessoal, e portanto de maior valor. Realizou assim aquilo que se propunha: abarcar ensaisticamente, estabelecendo a discussão e evitando a polémica. Outra virtude do livro reside naquilo que é processo de localização das tónicas em toda a extensão da Literatura Portuguesa e, quando fôsse o caso o destaque do que foi superação da mera captação individualista da realidade (caso do Romantismo), para se atingir à universalização. É o que ocorre nas apreciações críticas propostas em torno de poetas como Fernando Pessoa, Camões, Bocage e Antero, onde o A., com rara lucidez, destaca os aspectos universais destes artistas, que superaram a tônica lírica, dominante em toda a extensão da Literatura Portuguesa. Tais poetas, partindo de uma concepção filosófica da vida, e não deixando de ser profundamente portugueses, no seu assunto e estilo, superaram, através de um génio superior, a limitação sentimental e geográfica portuguesa.

Aliás, acêrca do assunto, assim se pronuncia o A.:

“Diante da angústia geográfica, o escritor português opta pela fuga ou pelo apêgo à terra, matriz de todas as inquietudes e confidente de todas as dores, centro de inspiração e nutridora de sonhos e esperanças. A fuga dá-se para o mar, o desconhecido, fonte de riqueza algumas vezes, de males incríveis e de emoção quase sempre; ou transcendendo a estreiteza do solo físico, emigra para o plano metafísico, à procura de visualizar numa dimensão universal e perene a inquietação particular e egocêntrica.” (p. 13).

Do interêsse em justificar os fatos da Literatura Portuguesa, apoiando-se em ciências como a história e a geografia, resulta numa atitude cultural com relação à literatura, concebida como ficção, embora evidentemente não ocorra a tendência eruditiva. Situou o A. sua interpretação dos aspectos literários em Portugal portanto, em bases incôgnitamente sólidas.

Concluindo, a obra vale como uma interpretação dinâmica da Literatura Portuguesa, e apresenta um sentido ensaístico bastante profundo confirmando os dotes de crítico literário e de teórico da literatura, que possui o A.